

**O PROJETO DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA PEÇA  
TEATRAL, O JESUÍTA (1861), DE JOSÉ DE ALENCAR  
THE BRAZILIAN INDEPENDENCE PROJECT  
IN THE THEATER, THE JESUIT (1861), FROM JOSÉ DE  
ALENCAR**

Denise Rocha

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

**R**esumo: O Jesuíta (1861), a última peça teatral escrita por José de Alencar (1829-1877), foi uma encomenda para as comemorações da Independência do Brasil feita pelo renomado artista João Caetano (1863), que recusou o papel. Somente em 1875, ano da célebre “Questão Religiosa”, por causa da intransigência da igreja com o Estado, foi encenada a peça no Theatro São Luiz, do Rio de Janeiro. O fracasso de público, motivado pelo anacronismo do tema histórico e pelos ânimos antieclesiásticos, motivou uma querela entre Alencar e Joaquim Nabuco. O objetivo do artigo é apresentar a trajetória do médico Samuel, que ocultava sua condição de vigário da Companhia de Jesus no Brasil, e planejava com doutrinações pela proclamação da independência brasileira, mas foi confrontado com a ordem de expulsão dos jesuítas, expedida pelo Marquês de Pombal, em 1759.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira; Alencar; teatro; Companhia de Jesus; história.

**Abstract:** The Jesuit (1861), the last play written by José de Alencar (1829-1877), was a commission for the celebrations of the Independence of Brazil made by the renowned artist João Caetano (1863) who refused the role. Only in 1875, the year of the famous “Questão Religiosa”, because of the church’s intransigence with the State, the play was staged at the Theatro São Luiz, in Rio de Janeiro. The public failure, motivated by the anachronism of the historical theme and by anti-ecclesiastical moods, motivated a quarrel between Alencar and Joaquim Nabuco. The objective of the article is to present the trajectory of the doctor Samuel, who concealed his condition as vicar of the Society of Jesus in Brazil, and planned with indoctrinations for the proclamation of Brazilian Independence, but was confronted with the order of expulsion of the Jesuits, issued by Marquis of Pombal in 1759.

**Keywords:** Brazilian literature. Alencar. Theater. Society of Jesus. Story.

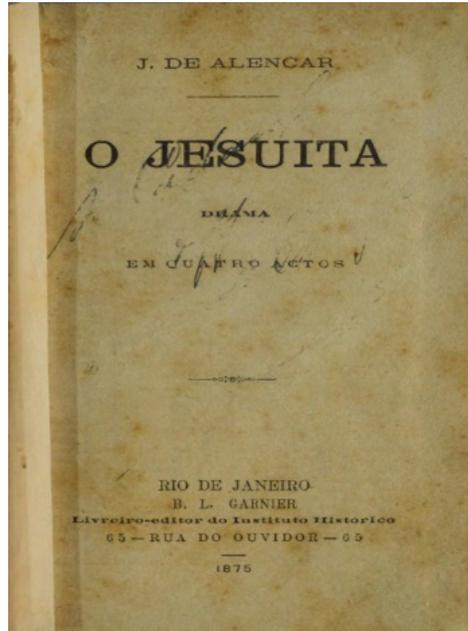
Recebido em: 18/04/2022

Aceito em: 25/07/2022

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

## Introdução

Fig. 1 – Frontispício de *O Jesuíta*, 1ª edição, 1875, B.L. Garnier.



Para José de Alencar e outros escritores do Romantismo, o projeto da literatura nacional deveria buscar, de um lado, as raízes brasileiras, valorizando os indígenas como expressão da raça nativa, evidentes em *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1875), e, de outro, enfatizar as origens da história colonial desde o descobrimento, como em *O Guarani* (1857), *As minas de prata* (1865 e 1866) e *Guerra dos mascates* (1871 e 1873).

O drama histórico, *O Jesuíta*, foi escrito em 1861 por Alencar, para as comemorações da independência do Brasil, em 7 de setembro do mesmo ano, a pedido do consagrado ator João Caetano que, depois, recusou o papel do protagonista<sup>1</sup>. Somente 14 anos depois,

<sup>1</sup> Segundo João Roberto Faria, no artigo *Alencar dramaturgo: uma apresentação*, o artista João Caetano não teria explicado a Alencar o motivo da recusa: Tanta afronta não poderia ficar sem resposta. [...] No mesmo ano de 1861, *Moringa Artes do Espetáculo*, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

em 1875, ela foi encenada no Theatro São Luiz. Nesta época, ocorreu a célebre “Questão Religiosa”, por causa da intransigência da igreja com o Estado e, portanto, a animosidade contra os religiosos era muito grande<sup>2</sup>. A consequência foi a rejeição pública de *O Jesuíta*, de Alencar, que teve somente duas encenações.

A ação teatral se passa em São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1759, ano da expulsão de padres da Companhia de Jesus de Portugal e das colônias lusas. As causas da proscrição tinham, principalmente, duas bases políticas de dimensão internacional: a primeira, no Brasil, por causa da atuação deles contra a coroa lusa e do boicote de muitos deles no processo de nova demarcação de terras que ocasionou a eclosão da Guerra dos Sete Povos das Missões (1754 e 1756). E, a segunda, em Setúbal e Lisboa, devido ao envolvimento de jesuítas, como o padre Malagrida, na tentativa de assassinato do rei D. José I<sup>3</sup>.

---

como deputado e um dos relatores do orçamento na Câmara, que desde 1847 aprovava regularmente uma subvenção para o Teatro S. Pedro de Alcântara, Alencar conseguiu junto a seus pares o corte da subvenção, alegando que o ator e empresário João Caetano não cumpria a cláusula que exigia um certo número de representações de peças brasileiras a cada ano. Se não houve nobreza na atitude do escritor, diga-se, em sua defesa, que ele tinha razão e que vários outros intelectuais do período já haviam feito denúncias semelhantes na imprensa. (FARIA, 2009, p. 59)

2 Cerca de 1850, uma nova geração de clérigos no Brasil, influenciada pela presença de missionários estrangeiros, que pregavam uma forma de religião mais espiritualizada e com moral mais restrita, via a intervenção do Estado como um obstáculo à propagação dessa forma de religiosidade. A nova postura eclesiástica era conhecida como ultramontana e seguia os postulados de Roma. No ano de 1864, o Papa Pio X promulgou a *Bula Quanta Cura* e o *Syllabus errorum*, no Brasil, com severos questionamentos ao liberalismo e com condenações às atitudes da maçonaria nacional (FLECK, 2005, nota 2, p. 201).

3 Depois do terremoto de Lisboa, em 1º de novembro de 1755, Gabriel Malagrida, jesuíta italiano, missionário no Brasil e pregador na capital do império, escreveu o opúsculo *O Juízo da verdadeira causa do terremoto que padeceu a corte de Lisboa no primeiro de novembro de 1755*, no qual, de forma indireta, acusava a corte portuguesa de ser responsável pela tragédia, causada como castigo divino e que deveria ser enfrentada com procissões e exercícios espirituais, segundo Guilherme Marchiori de Assis, no artigo *O processo inquisitorial 8064 de 1761: a trajetória do jesuíta Gabriel Malagrida junto ao Santo Ofício luso* (ASSIS, s.d., p. 521). O padre foi exilado para Setúbal, em 1756, onde continuou com suas pregações contra as iniquidades e teria tido contato com a família dos Távoras, inimigos

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

Tais fatos, a defesa de indígenas, conhecidos genericamente, como tapes (guaranis)<sup>4</sup> na questão das terras missioneiras na América do Sul e a tentativa de regicídio, além da acusação de alguns religiosos contra a monarquia portuguesa que teria culpa no terremoto que destruiu a capital do reino, em 1º de novembro de 1755, motivaram Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras (Marquês de Pombal, desde 1770), a um funesto decreto: a prisão e a expulsão dos jesuítas do império português, em 1759, bem como o confisco do amplo patrimônio deles.

Na peça de José de Alencar atuam personagens históricas, como o governador Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela (1685-1763), comandante da equipe demarcadora, de acordo com o Tratado de Madri (1750), que resultou no confronto militar contra os Sete Povos das Missões, bem como José Basílio da Gama (1741-

---

reais.No dia 3 de setembro de 1758, houve um atentado contra o rei D. José I, a mando do Duque de Aveiro e dos Marqueses de Távora: o duque e o casal foram julgados e morreram o patíbulo, bem como dois filhos dos Távora e outros membros da nobreza. Alguns jesuítas e Malagrida foram acusados de envolvimento na tentativa de regicídio.Em 29 de dezembro de 1760, foi feita a denúncia pelo Conde de Oeiras (Marquês de Pombal) contra o comportamento do padre Malagrida, cujas viagens ao Brasil não eram para catequeses, mas para “espalhar perniciosas ideias”, e “insuflar a liberdade dos índios no Brasil contra suas pregações”, segundo o Processo Inquisitorial 8064 de 1761, p. 14 e 16 (ASSIS, s.d., p. 522-524).

4 O conceito Guarani, que significa guerreiro em língua proto-tupi-guarani, segundo o tupinólogo Eduardo Navarro (conf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guaranis>. Acesso em 15/11/2021), foi atribuído a diferentes povos que falavam o idioma homônimo ou dialetos dele, embora tivessem diversidade étnica, linguística e cultural. Alguns grupos tinham os nomes, segundo as denominações de rios e lagos das áreas que habitavam.Nas missões, fundadas pela Província Jesuítica do Paraguai, localizadas nas regiões do Uruguai, Tape e Guairá, havia populações conhecidas como guaranis e outras não pertencentes à etnia guarani.Em Grupos indígenas e sua distribuição, Roberto Cohen esclarece que havia três subgrupos oficiais entre os denominados guaranis: os tapes (indígenas missioneiros dos Sete Povos), que ocupavam as bacias dos rios Jacuí e Ibicuí a oeste do território atual do RS e o centro da bacia do rio Jacuí; os arachanes ou patos (rio Guaíba e parte ocidental da Lagoa dos Patos, parte central e setentrional entre os rios Uruguai e Paraná, ao sul) e os carijós (parte sul da margem direita do rio da Prata e o curso inferior do rio Paraná, desde o atual município de São José do Norte até Cananeia, sul de SP.) (COHEN, 2004, p. 1).

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

1795), autor do poema épico *O Uruguai*. E são mencionados: o rei D. José (1714-1777), o Marquês de Pombal (1699-1782) e os jesuítas italianos Miguel Ângelo Tamburini (1648-1730), Superior Geral da Companhia de Jesus, e Gabriel Malagrida (1711-1759), missionário no Brasil, escritor e pregador em Portugal, que morreu em auto de fé.

O protagonista, Dr. Samuel, médico italiano, que era caridoso e amigo dileto do Frei Pedro da Luz, Reitor do Colégio dos Jesuítas, tinha dois projetos de vida: um, individual, o ingresso de seu filho adotivo, Estevão, no convento dos jesuítas, e, outro, coletivo, a libertação do Brasil do jugo colonial luso. No primeiro aspecto, ele combate o amor de Estevão por D. Constância, filha bastarda do governador Gomes Freire de Andrade, o Conde de Bobadela, pois almejava que o jovem, como sacerdote, seguisse seus passos na luta política. No segundo aspecto, ele intensificou o seu engajamento em prol da libertação nacional, em 1759, fatídico ano da expulsão dos jesuítas. O médico, que era na verdade, um jesuíta de alto escalão, tinha sido denunciado à corte por suas falas em prol da independência brasileira com a reunião de novos povos: os indígenas, representados por Garcia, das missões do Paraguai, e os ciganos da Boemia, liderados por Daniel, que vivia no território nacional.

A notícia para o Frei Pedro sobre a data da proscrição dos jesuítas, 14 de novembro de 1759, fora enviada por meio de um novicho, que embarcara para o Rio de Janeiro, e trazia um pergaminho com uma mensagem cifrada, escrita pelo padre Gabriel Malagrida. A prisão do jovem religioso no navio foi observada por outro viajante, o capitão espanhol, D. Juan de Alcalá, que memorizou a informação e tentou vendê-la ao conde e ao reitor do Colégio dos Jesuítas.

Na data prevista, o Conde de Bobadela, acompanhado de soldados, adentrou o prédio do colégio para captura dos religiosos e foi confrontado com a aparição do Dr. Samuel. Ele surgiu de hábito, declarando ser o Vigário-Geral da Companhia de Jesus no Brasil, e fugindo por uma falsa porta no altar.

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

O médico Samuel explica a seu filho adotivo, Estevão, sua missão de vida:

SAMUEL: Como tu Estevão, ignoro de quem sou filho; não tive família; não conheci meus pais; porém nasci no seio desta terra virgem, que me nutriu como mãe; o meu berço embalou-se ao sopro das brisas americanas; os meus olhos abriram-se para contemplar este céu azul e puro. Não sei que perfume de liberdade respiram as flores destes campos; que voz solene tem o eco destas florestas; que sentimento de independência excita a grandeza deste continente e a amplidão do oceano que o cinge! ... Não sei! Mas a primeira ideia que germinou em meu espírito de quinze anos foi a emancipação de minha pátria; a primeira palavra que balbuciei e minha razão foi o nome do Brasil, que para mim os nomes de pai, de mãe, de irmãos, de todos esses ternos afetos que a Providência me negara. (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 80)

Tratam-se de imagens de grandiosidade do trópico – céu, florestas, campos, flores e oceano –, expressadas por uma autoridade civil local, que, sendo brasileiro de nascimento, se apresenta como um renomado médico italiano. Ele mantém profundas relações com outra autoridade, a eclesiástica. Dr. Samuel esclarece a Estevão que, em sua adolescência, imerso em ideias iluministas, como a da preponderância da razão, estava convicto em poder ajudar a libertação de sua pátria, metamorfoseada em uma grande família (pai, mãe e filhos).

Em relação à peça teatral *O Jesuíta*, o crítico Décio de Almeida Prado, no artigo *A evolução da literatura dramática*, avalia:

O Jesuíta é um belo drama histórico, arquitetado e realizado de acordo com todas as regras do gênero. E mais: mantém a tensão do princípio ao fim, vai de expectativa em expectativa, de surpresa em surpresa, entrelaça habilmente, conforme a praxe, vários diferentes interesses: um enredo de amor; uma história de segredos e mistérios; uma causa nobre e patriótica, a independência do Brasil; e uma ideia moral, a relação entre os meios e os fins. (PRADO, 1971, p. 17)

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

---

O objetivo do estudo, “O projeto de independência do Brasil na peça teatral *O Jesuíta* (1861), de José de Alencar”, é delinear o engajamento sociopolítico do Dr. Samuel: desde suas origens de criança órfã até o apoio recebido do antigo Vigário-Geral, Tamburini, que o nomeou secretamente e o enviou para o Brasil para consolidar seu projeto político nacionalista. Este foi interrompido com a ordem de expulsão dos jesuítas, expedida pelo Marquês de Pombal, em 1759. A análise da trajetória do Dr. Samuel será baseada nas reflexões de Stoppino sobre o poder social, imerso na capacidade de influência e persuasão de um médico, frente a pessoas marginalizadas na sociedade carioca – mendigos, ciganos e indígenas –, na segunda metade do século XVIII.

### 1- O poder social (Stoppino)

O conceito de poder caracteriza Mario Stoppino da seguinte maneira:

Poder. 1. DEFINIÇÃO. – Em seu significado mais geral, a palavra Poder designa a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos. Tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos naturais [...]. Se o entendermos em sentido especificamente social, ou seja, na sua relação com a vida do homem em sociedade, o Poder torna-se mais preciso, e seu espaço conceptual pode ir desde a capacidade geral de agir, até à capacidade do homem em determinar o comportamento do homem: Poder do homem sobre o homem. O homem é não só o sujeito mas também o objeto do Poder social. E Poder social a capacidade que um pai tem para dar ordens a seus filhos ou a capacidade de um Governo de dar ordens aos cidadãos. (STOPPINO *in* BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, v. 1, p. 933)

O poder, como fenômeno social, estabelece “uma relação triádica”: “Para definir um certo Poder, não basta especificar a pessoa ou o grupo que o detém e a pessoa ou grupo que a ele está sujeito: ocorre

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

determinar também a esfera de atividade à qual o Poder se refere ou a esfera do Poder”. Portanto: “A mesma pessoa ou o mesmo grupo pode ser submetido a vários tipos de Poder relacionados com diversos campos” (STOPPINO *in* BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, v. 1, p. 934).

O protagonista de *O Jesuíta*, Dr. Samuel, exerce um amplo poder social, devido a sua profissão médica e as suas atividades caritativas, pois ajuda mendigos que rodeiam a sua casa, entre outros carentes. Mas, o seu poder também é político e ideológico, por causa de suas conversas sobre a exploração colonial no Brasil. Tal postura coincide também com a convicção da Companhia de Jesus, envolvida em causas sociopolíticas.

## 2- Os jesuítas e os indígenas brasileiros: a expulsão pelo Conde de Oeiras (Marquês de Pombal), em 1759



Fig. 2 – José de Anchieta<sup>5</sup> (1982), de José Ciotti (1898-1991), Colégio Pio Brasileiro, Roma.

<sup>5</sup> No ano de 1549, vieram os jesuítas para Salvador, na armada do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa. Chefiados por Manuel da Nóbrega (1517-1570), eles fundaram a Província Brasileira da Companhia de Jesus. O segundo grupo veio, em 1550, com o primeiro Bispo. José de Anchieta aportou em 1553, ano no qual foi fundada a Província da Companhia, a primeira estabelecida no continente americano, que era independente da Província Jesuítica de Portugal. (Conf. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia\\_de\\_Jesus\\_no\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_de_Jesus_no_Brasil) . Acesso em: 15 nov. 2021.)

**José de Anchieta** (1534-1597) escreveu a primeira gramática da língua tupi, *Moringa Artes do Espetáculo*, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

Durante o reinado de D. José I (1714-1777), de Portugal, e D. Carlos V (1748-1819), da Espanha, foi executado o Tratado de Madri (1750)<sup>6</sup>: a permuta da Colônia do Sacramento (rio da Prata), de Portugal, pelas Missões do Tape (rio Uruguai), da Espanha, conhecidas como os Sete Povos das Missões, e que eram administradas por jesuítas. As coroas lusas e espanholas nomearam dois comissários para executar os trabalhos de demarcação da nova fronteira: Gaspar de Munive León G. Tello y Espinosa (1711-1793), marquês de Valdélirios, e António Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela (1758), governador do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Muitos dos jesuítas se opuseram a troca e incitaram a guerra entre os índios, conhecidos como tapes missioneiros e guaranis missioneiros, e os europeus. O governador comandou as tropas luso-espanholas que venceram as dos nativos, liderados pelos padres da Companhia de Jesus<sup>7</sup>. [O Conde de Bobadela é personagem de *O Jesuíta*.]

A questão indígena sul-americana foi um dos temas da política externa de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Conde de Oeiras, que se empenhou em grandes mudanças no Brasil, conforme Ana Paula Secco e Tânia Conceição do Amaral, no artigo *Marquês de Pom-*

---

poemas religiosos, peças teatrais e uma epopeia. Como Nóbrega e Anchieta, o jesuíta Antônio Vieira (1608-1697) destacou-se como missionário e defendeu os direitos dos indígenas, combatendo sua exploração e escravidão. Além de defender os judeus e a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos.

Conf. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio\\_Vieira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Vieira). Acesso em: 15 nov. 2021.)

6 O ‘Trato de limites das conquistas’, conhecido como ‘Tratado de Madri’, foi assinado entre D. João V (1689-1750), de Portugal, e D. Fernando VI (1713-1759), da Espanha, em 13 de janeiro de 1750, e ratificado em 26 do mesmo mês, em Lisboa. Durante a execução do pacto luso-espanhol, os reis faleceram e foram sucedidos, respectivamente, por D. José I e por Carlos V.

O acordo, que aboliu a linha meridiana estabelecida no Tratado de Tordesilhas (1497), a escritura de Saragoça (1599) e as diretrizes do Tratado de Utrecht (1715), estabeleceu uma nova demarcação de limites entre os territórios coloniais lusos e espanhóis na América do Sul.

7 As guerras nas missões jesuíticas foram temas de *O Uruguai*, que tem como herói o governador Gomes Freire. Escrito pelo jesuíta José Basílio da Gama (1741-1795), o poema épico foi publicado no ano de 1769, em Lisboa. [Basílio atua na peça de Alencar].

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

*bal e a reforma educacional brasileira*: ele extinguiu a escravidão dos índios no Maranhão (1753) e em todo o Brasil (1755); além de ter se colocado “contra os proprietários de escravos índios e os jesuítas, que dirigiam a vida das comunidades indígenas nas missões (aldeamentos indígenas organizados pelos jesuítas)”. Além disso, para Pombal:

[...] o afastamento dos jesuítas desta região significava tão somente assegurar o futuro da América Portuguesa através do povoamento estratégico. O interesse do Estado acabou entrando em choque com a política protecionista dos jesuítas para com os índios e melindrando as relações com Pombal, tendo este fato entrado para a história como “uma grande rivalidade entre as ideias iluministas de Pombal e a educação de base religiosa jesuítica”. (SECCO; AMARAL, 2006, p. 5)

Aos jesuítas eram atribuídas muitas riquezas – fazendas de gado, engenhos de açúcar, escravos e outros tipos de bens, adquiridos por doação, etc. –, além deles terem um grande poder político, conforme destaca Patrícia D. Woolley, no artigo *Os jesuítas nos setecentos europeu*: autoridade, ensino e poder:

Sobretudo em função do magistério que ministrava, ela converteu-se em símbolo de poder político exercido pela Igreja, que tanto incomodava às novas monarquias absolutistas. E foram justamente esses conflitos de natureza política, tanto quanto as questões filosóficas, que fizeram da Companhia de Jesus um alvo previsível deste período. (WOOLLEY, s.d., p. 1)

Com o Decreto Régio de setembro de 1759, o rei D. José I ordenou a expulsão dos jesuítas em todos os territórios portugueses, em 1773. O Conde de Oeiras, que já tinha o título de Marquês de Pombal, desde 1770, criou o Diretório dos Índios para substituir os jesuítas na administração das missões; proibiu a discriminação indígena e elaborou uma lei para favorecer o casamento entre eles e portugueses. Em

1773, por ordem do Papa Clemente XIV, a Companhia de Jesus foi expulsa de toda a cristandade.



Fig. 3 – Expulsão dos jesuítas no Brasil.

O momento final da vida jesuítica no Brasil é tema da peça de Alencar.

### 3- *O Jesuíta*, de José de Alencar: a missão pela libertação do Brasil

Nos anos 1857 a 1861, José de Alencar escreveu sete peças teatrais: *O Rio de Janeiro*, *Verso e reverso* (1857); *O demônio familiar* (1857); *O crédito* (1857); *As asas de um anjo* (1858); *Mãe* (1860); e *O que é o casamento?* (1861). Enquanto que, nas produções anteriores, os temas eram contemporâneos, *O Jesuíta* (1861) aborda o ano de 1759 e foi encenada, no Theatro São Luiz (1875), com o ator José Dias Braga, no papel do protagonista.



Fig. 4 – Theatro São Luiz, em São Sebastião do Rio de Janeiro.

*Moringa Artes do Espetáculo*, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

Na obra *José de Alencar e o Teatro*, João Roberto Faria comenta que a peça teve somente duas representações, em 18 e 19 de setembro de 1875: “na noite de estreia o número de espectadores não chegou a cem e que as récitas anunciadas para os dias 21 e 23 de setembro foram suspensas, pois o Theatro São Luís encontrava-se praticamente vazio”. O fracasso teatral foi motivado pelo anacronismo do tema histórico e pelos “ânimos antieclesiásticos” existentes “na corte e pelo papel do protagonista, um jesuíta patriota”. (FARIA, 1987, p. 153 e 174)

A negativa recepção de *O Jesuíta* motivou uma querela entre Alencar e Nabuco. No jornal *O Globo* foram publicadas as contendas literárias entre o jovem crítico e o consagrado escritor, com dois títulos: *Aos Domingos*, de Joaquim Nabuco, e *Às Quintas*, de José de Alencar. Os quatro artigos de Alencar foram publicados na 1ª edição da obra, em 1875, publicação da B. L. Garnier. Em um deles, Alencar explicou o motivo da escrita da peça teatral: “João Caetano mostrou-me desejos de representar um drama brasileiro, para solemnizar a grande festa nacional no dia 7 de setembro de 1861. [...] A honra de fornecer ao grande actor brasileiro a estrutura para uma de suas admiráveis criações, excitou-me a arrostar temerariamente a árdua empresa”. (ALENCAR in ALENCAR, 1875, p. 210 e 211). Em relação ao tema escolhido, o autor escreveu:

[...] devia o drama inspirar-se nos entusiasmos do povo pela glória de sua terra natal. Na impossibilidade de comemorar o próprio facto da independência, que por sua data recente, escapava à musa épica, era possível escolher em nossa historia colonial algum episodio que prestasse ao intuito? Qual seria es- ses episodio? [...] Seria longo dar conta da excursão que lhe fiz pela historia. Pátria a busca de um assumpt; basta dizer que não achei então um facto que me inspirasse o drama nacional, como eu cogitava. Resolvi portanto crea-lo de imaginação, filiando-o á historia e á tradição, mas de modo que não as deturpasse.

---

Tracei então *O Jesuíta* [...]. (ALENCAR *in* ALENCAR, 1875, p. 211 e 214)

O crítico literário Luiz Leitão escreveu o artigo *O jesuíta. Drama histórico em 4 actos de José de Alencar*, publicado depois das duas encenações da peça teatral, em 1875:

Qual o fim do *Jesuíta*? Quis o autor rehabilitar a memória da companhia de Jesus? [...] Nós escrevemos debaixo da impressão da primeira recita da peça e em nós mesmo sentimos um dos grandes intentos do dramaturgo: fazer estremecer a fibra patriótica do povo, rasgar aos olhos do paiz uma das perspectivas do seu passado e, quem sabe, mostrar que assim como Antonio Vieira um seculo antes aconselhava a trasladação da monarchia lusitana para a America, era possível pelo simples progresso do tempo que, na epoca da agitação de todos os espíritos illustrados, na solidão dos claustros brasileiros echoassem muitos anhelos pela emancipação da colônia. [...] Em synthese, *O Jesuíta* quer dizer a independencia da pátria. (LEITÃO *in* ALENCAR, 1875, p. 201)



Fig. 5 – Igreja dos Jesuítas, no Morro do Castelo, Rio de Janeiro (1918). Foto de Augusto da Malta.

Em *O Jesuíta*: drama em quatro atos, a ação ocorre no ano de 1759, em três locais: na frente do Convento da Ajuda e no Colégio dos Jesuítas, no Morro do Castelo; e na casa de Samuel. Além dele, seu filho adotivo Estevão e a caseira Inês atuam outros personagens: os religiosos (Frei Pedro da Luz, reitor da Colégio dos Jesuítas, e José Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

Basílio da Gama, noviço); os civis (o governador do Rio de Janeiro, Conde de Bobadela, e sua filha natural, D. Constância de Castro; o cigano Daniel e o índio Garcia) e os militares (o alferes Miguel Correia e o capitão espanhol D. Juan de Alcalá).

### **3.1- A missão do médico dr. Samuel: proclamação da independência do Brasil**

O órfão brasileiro, Samuel, que ingressou e ascendeu na hierarquia da Companhia de Jesus, devido ao seu caráter, inteligência e amor à pátria, sonhava, desde os 15 anos, com a independência do Brasil, conforme relatou ao seu filho: “Houve tempo em que julguei não haver impossíveis para o homem”, pois “conhecia o imenso poder dessa vasta associação que se estendia pelo universo, prendendo-o por uma teia de vinte mil apóstolos, como um corpo à cabeça que estava em Roma”. Ciente do poder global dos jesuítas, ele confiou sua ideia ao Vigário-Geral, Miguel Ângelo Tamburini, que o nomeou seu sucessor, de forma secreta para a grande comunidade religiosa, mas com o conhecimento dos superiores. Com autoridade na Companhia, ele retornou ao Brasil, formado médico, atividade que exerceu de forma exemplar e caritativa.

O solitário médico, aos 55 anos, recebeu em sua porta um pequeno enjeitado que denominou de Estevão e que desejava que ingressasse na ordem dos jesuítas. Em dois momentos da ação, os dois se confrontam. No primeiro episódio, o jovem criticou o pai, que acreditava poder decidir por sua vida, a fim de fortalecer seus planos políticos:

SAMUEL- Quem sou eu?... Não sei, Estevão; talvez um fanático, um insensato, que corre atrás de uma sombra; talvez o autor de uma grande revolução e o arquiteto de uma obra gloriosa. O futuro responderá. Cristo, o enviado de Deus, foi crucificado; Galileu, o mártir da ciência, queimado por herege; Colombo, o inventor do novo mundo, escarnecido por charlatão. Como eles

*Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022*

---

a posteridade dirá o que sou: se um novo apóstolo, se um louco.  
(ALENCAR, s.d., v. 2, p. 21)

Com tal informação comparativa, a homens que foram marginalizados por causa de seus engajamentos em planos diversos – Jesus (espiritual), Galileu (científico) e Colombo (geoestratégico e econômico) –, Samuel, que se coloca como líder político cujo legado somente poderia ser julgado no futuro, sofre com a incompreensão do filho em quem projetara tantos sonhos pessoais: “Rude combate!... Senti que minha coragem vacilava! [...] Ainda que fosse necessário sacrificar a sua vida! Sim a sua vida! O que é a criatura neste mundo senão o instrumento de uma ideia?... Ele amará!... Mas compreenderá, enfim, qual amor é digno do filho desta terra virgem!” (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 23).

Samuel sente, que perdia o controle sobre o jovem que não tinha vocação religiosa, e desenvolve uma espécie de diálogo com sua pátria humanizada:

SAMUEL: (*Absorto*) Brasil! .... Minha pátria!... Quantos anos ainda serão precisos para inscrever teu nome, hoje obscuro, no quadro das grandes nações?... Quanto tempo ainda serás uma colônia entregue à cobiça de aventureiros, e destinada a alimentar com as tuas riquezas o fausto e o luxo de tronos vacilantes? (*Pausa; arrebatado pela inspiração*). (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 23)

O médico jesuíta critica o decadente sistema da monarquia absolutista europeia e suas colônias, das quais explora os minerais e os comercializa, proporcionando uma vida de luxo e privilégios para um núcleo muito restrito: o da realeza e o da nobreza. Com ideais iluministas, ele critica a tradição monárquica e profetiza para o Brasil: a posse de seu próprio território e suas riquezas que deveriam ser administrados pelo povo local: “Antigas e decrépitas monarquias da velha Europa!... Um dia compreenderéis que Deus quando semeou com profusão nas entranhas desta terra o ouro e o diamante, foi porque

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

reservou este solo para ser calcado por um povo livre e inteligente”. (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 23)

Samuel explica ao filho que alguns homens – um jesuíta, um cigano e um indígena – o esperam com papéis especiais no projeto de emancipação do Brasil:

ESTEVÃO- Como eu posso eu sabê-lo, senhor?

SAMUEL- É verdade, ainda ignoras! Estes homens são os três instrumentos poderosos que Deus colocou em minha mão para realização de um grande pensamento. Ei-los.... Um velho frade, um pobre cigano, um índio adormecido. Quem diria, vendo estas três criaturas aqui, reunidas neste momento pelo acaso, que elas são as pedras angulares de um majestoso edifício, novo capitólio do alto do qual uma nação poderosa dará leis ao mundo!... Ei-los!... A religião, a miséria, a raça!... E tu, Estevão, tu serás a inteligência que há de dirigi-las, o espírito que as deve animar, a vontade que as governará até que chegue o momento!...

ESTEVÃO- Entendo as vossas palavras, senhor; mas o seu alcance escapa à minha inteligência.

SAMUEL- Aquele hábito, meu filho, quer dizer vinte mil jesuítas espalhados pela terra e dominando a consciência do universo; aquele cigano significa um povo numeroso, proscrito, sem pátria, disposto a morrer por aquele que lhe prometer um abrigo neste mundo onde é estrangeiro; aquele índio simboliza a raça indômita e selvagem da América, pronta a reconquistar a liberdade perdida. Compreendes agora? [...] (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 29)

Representantes da religião, da miséria e da raça, Frei Pedro da Luz, Reitor do Colégio dos Jesuítas, o índio Garcia e o cigano Daniel, respectivamente, representam para Samuel a união entre um religioso da Companhia de Jesus e dois povos sem pátria que poderão viver no Brasil independente.

No segundo episódio do confronto entre pai e filho, que não queria ser jesuíta, por amar D. Constança, filha natural do Conde de Bobadela, Samuel esclarece mais sobre o projeto nacional de independência do imenso Brasil, carente de população, que poderá ser albergue para povos sem pátria, como os indígenas e os ciganos:

SAMUEL- Ides ver. Esta região rica e fecunda era e ainda é hoje um deserto; para fazer dela um grande império, como eu sonhei, era necessária uma população. De que maneira criá-la? Os homens não pululam como as plantas; a reprodução natural demanda séculos. Lembrei-me que havia na Europa raças vagabundas que não tinham onde assentar a sua tenda; lembrei-me também que no fundo das florestas ainda havia restos de povos selvagens. Oferei à aqueles uma pátria; civilizei estes pela religião. Daniel, o cigano, era o elo dessa imigração que em dez anos traria ao Brasil duzentos mil boêmios; Garcia, o índio, era o representante das nações selvagens que só esperavam um sinal para declararem de novo sua independência. [...] (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 81)

O jesuíta Samuel pensava também em abrigar no Brasil os perseguidos europeus pela sua fé: “os judeus, família imensa e proscrita, corriam a abrigar-me aqui da perseguição dos cristãos; Portugal e Espanha pela intolerância, a Inglaterra pelo protestantismo, a França pelo catolicismo”. Essas nações “lançariam metade de sua população nesta terra de liberdade e tolerância, onde toda a religião poderia erguer o seu templo, onde nenhum homem seria estrangeiro”. (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 81):

ESTEVÃO- Oh! Eu vos admiro!

SAMUEL- Todos os elementos estavam dispostos; prosseguia na minha obra certo de que, se me faltasse o tempo, tu a continuarias. Em menos de vinte anos o Brasil deixaria de ser uma colônia de Portugal. Eis a missão que te destinava. Deixaste-me só, e estou velho! (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 81)

Imbuído desde os 15 anos em libertar o Brasil do sistema colonial português, Samuel, líder político da Companhia de Jesus, com a missão de reunir excluídos na Europa e na América do Sul, no território brasileiro, foi confrontado com sua realidade pessoal, a do filho que tem planos de casamento:

ESTEVÃO- Sois um louco!

SAMUEL- Estevão!...

ESTEVÃO- Um louco, sim! Já o confessastes, e eu quero acreditá-lo para não julgar-vos antes um demônio que se deleita com o sofrimento de suas vítimas! Concebestes um projeto extravagante, e para realizá-lo todos os meios são bons! A desgraça de um filho a quem educastes, a desonra de uma menina que não vos fez mal, o desespero de ambos; tudo vos parece virtude, tudo vos parece inspirado por Deus!...

SAMUEL- Duvidas de mim, Estevão?...

ESTEVÃO- E vós mesmo não duvidais?... Estás bem certo que a vossa razão gasta pelos anos, não delira?... Que essa grande ideia não seja apenas uma alucinação de vossa inteligência enferma?!...

SAMUEL- Confesso, Estevão. Às vezes interrogo a minha consciência, e pergunto-me a mim mesmo se a destruição de um obstáculo, se a morte de um homem, é um crime ou uma triste necessidade?... Mas a consciência me responde: – “Prossegue; as ideias não se governam como os homens; elas não param em sua marcha; abatem os que se opõem à sua passagem; são os rios que se precipitam para o oceano”.

ESTEVÃO- Basta! Não quero mais ouvir-vos; porque se me convencêsseis que não sois um louco... (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 71)

Como muitos homens predestinados à consolidação de grandes planos políticos, Samuel, aos 75 anos de idade, sente em sua

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

---

alma a solidão pessoal e familiar. Em sua angústia, conclama o Criador, para dar compreensão ao filho a sua obra de independência:

SAMUEL (só)- Meu Deus!... Meu Deus!... Dirá ele a verdade? Esta grande obra, construída dia por dia, instante por instante, será apenas um sonho da imaginação, uma demência do espírito?!... Serei eu um louco?... Não. A luz da razão me esclarece; a mão da Providência me guia!... Eu vejo!... A um aceno meu, um povo se ergue como um gigante e reclama o seu lugar entre as nações ilustres!... A um aceno meu... Sim! Sou apenas um homem, uma criatura fraca e mortal!... Mas não foi um homem que descobriu o novo mundo?... Ele só com a sua vontade e o seu gênio?... Não foi um homem que deu asas ao pensamento e o fez rei e senhor do universo?... Oh! Não! Não sou um louco!... Estevão há de compreender-me, e perdoar-me! É preciso!... Ainda que destrua metade do que tenho feito!... (*cogita*). (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 72)

Samuel delira em sua utopia, pois acredita ter o poder de fazer um gesto capaz de convocar a marcha de um povo, que, como um gigante acordado, irá segui-lo e exigirá um lugar de destaque no xadrez político das nações livres.

Em *O nacionalismo de José de Alencar em “O Jesuíta” (1875)*, Eliane C. D. Fleck acentuou que o protagonista tinha como objetivo: “fazer a independência do Brasil, através de uma revolução contra o domínio português. Mas, antes de se fazer a revolução, era preciso fazer-se nação” (FLECK, 2005, p. 210).

### **3.1.1- O Brasil como nova pátria de marginalizados: a recepção aos ciganos europeus e aos indígenas das missões do Paraguai**

Em São Sebastião do Rio de Janeiro, no ano de 1759, Samuel conseguiu reunir representantes de dois povos, relegados a segundo plano em suas próprias pátrias, que o ajudariam a preparar o levante contra a monarquia portuguesa. No entanto, depois do cerco inicial do Conde de Bobadela ao Colégio dos Jesuítas e da chegada da notícia

*Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022*

cifrada do padre Malagrida sobre a expulsão dos jesuítas do Brasil, no dia 14 de novembro, o médico jesuíta os avisou que os planos tinham mudado. O cigano Daniel disse que havia cerca de 20.000 homens deles no Brasil e que muitos outros já teriam deixado a Boêmia e estariam a caminho da Espanha rumo ao Brasil. Relatou ainda que 5.000 encontravam-se nas cercanias da capital, prontos para intervir:

DANIEL- Podíeis contar com vinte mil homens dispostos a conquistar uma pátria. Basta um ano para reuni-los no lugar que determinardes. Dizei uma palavra!

SAMUEL- Não; ainda não é tempo; ainda não chegou o momento em que esta terra deve abrir o seio de mãe, onde vossos irmãos vagabundos descansarão da longa peregrinação pelo que têm feito pelo mundo. Eu vos prometi uma pátria. Juro que a tereis, uma bela e nobre pátria. Filhos da Ásia, achareis nela o sol do Oriente com todo o seu esplendor, a natureza em sua pompa, a vida cheia de força, de poesia de liberdade! Mas esperai!

DANIEL- Esperaremos. Quem tem esperado séculos, não conta alguns anos que faltam ainda... (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 38)

Samuel incentivou-o a continuar com a imigração de seu povo para o Brasil, em busca de asilo, até chegar a 100.000 ou a 200.000 emigrantes:

DANIEL- Não tardará muito esse dia. Em menos de cinco anos não haverá em toda a Europa um só filho da Boêmia. Nossa raça proscrita, dispersa, se refugiará neste canto do mundo, que será para ela a terra de redenção. Só pedimos um solo onde plantar nossa tenda. (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 38)

Ao indígena Garcia, representante das missões do Paraguai, Samuel incentivou a regressar à sua terra, esperando um chamado futuro: “A desgraça pesa sobre esta casa; mas espero que não vos atacará. Voltai ao Paraguai; e dizei a vossos irmãos que ainda não

---

chegou o momento de reconquistarem a sua independência” (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 77).

### **3.1.2- A proscricção da Companhia de Jesus (1759) e o final dos planos de independência do Brasil**

A expectativa pela chegada do governador, o Conde de Bobadela, ao Convento e ao Colégio dos Jesuítas, para confiscar o tesouro e aprisionar os religiosos, a fim de consolidar a legislação expedida pelo rei D. José, apoiado nos projetos do Marquês de Pombal, era intensa.

No dia 13 de novembro de 1759, quando tropas militares cercavam o convento, a fim de impedir fugas, o reitor e o médico conversavam preocupados:

FR. PEDRO- O perigo não me assusta, Samuel; porém ainda duvido que as vossas previsões se realizem. O marquês de Pombal, com toda a sua audácia, não se animava a ofender o poder de Roma. (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 61)

SAMUEL- Não o ofendeu. Frei Pedro, comprou-o. Roma já foi a rainha do universo; hoje é apenas uma messalina que se vende ao ouro do estrangeiro.

FR. PEDRO- Contudo! O Instituto não podia ser indiferente.

SAMUEL- O tempo em que o Instituto lutava com o Papa e os soberanos passou; os gerais Santo Inácio de Loyola, Francisco de Bórgia e Cláudio Acquaviva não tiveram sucessor. (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 62)

O reitor acreditava que o Marquês de Pombal não iria afrontar a força política papal, a qual havia consentido na fundação da ordem dos jesuítas (o instituto) e em sua implementação em Portugal. O médico Samuel, entretanto, acusava Roma, antes com poder universal, de ter se degradado e se vendido a uma força estrangeira, bem como

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

lamentava a falta de uma forte sucessão na Companhia de Jesus, depois de Loyola, Bórgia e Acquaviva.

O Conde de Bobadela, acompanhado do alferes Miguel Correia e soldados, chegou ao convento, em cumprimento da ordem d'El Rei. Em conversa com o reitor a respeito das consequências “da ordem rebelde e ambiciosa, que, traindo o instituto do seu fundador e a santidade de sua missão, abusa da hospitalidade que lhe concedem os reis de Portugal e do poder que eles lhe conferiram em bem da religião, para conspirar contra a majestade”, o conde fez advertências. (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 63)

O superior da ordem o contestou, enfatizando a legitimidade do julgamento de Deus, que conhecia a inocência deles, e recusando a legitimidade do julgamento dos “reis da terra”. A autoridade brasileira enfatizava que estava à procura das riquezas dos jesuítas:

CONDE- A sua punição vai cair sobre vossas cabeças. O convento está cercado; tenho-vos a todos em meu poder; nenhum me escapará!

FR. PEDRO- São escusadas essas precauções; nenhum dos que vedes aqui, ministros da religião, abandonará a casa do Senhor, onde o seu dever lhe manda que permaneça.

CONDE- Para guardar as riquezas que tendes acumulado nos vossos cofres!...

FR. PEDRO- A riqueza que possuímos é uma consciência tranquila.

CONDE- Faltais à verdade, reitor. Neste convento existe um tesouro avultado, que tantas lágrimas custou aos órfãos e às viúvas de quem os extorquistes.

FR. PEDRO- Os objetos de valor que existem nesta casa são os vasos e as sagradas imagens que servem ao culto do Senhor.

CONDE- Dizei que servem antes para conspirar. Mas iludiram-se! A Providência vela sobre o trono de Portugal e sobre o ministro poderoso que o defende contra a vossa audácia. Ordeno-vos que me entregueis esse tesouro. (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 63)

Em conversa entre o conde, o reitor e o médico, este declarou ser o Vigário-Geral da Companhia de Jesus no Brasil, mostrando o documento de sua nomeação e causando perplexidade em todos. Ciente de seu poder espiritual e político, ele prosseguiu:

SAMUEL- O rei de Portugal e os príncipes da cristandade falam-nos de pé e com a cabeça descoberta. Tirai vosso chapéu, Conde de Bobadela!

CONDE- Hei de humilhar vossa arrogância; todo o poder da ordem não vos salvará. Revelai o segredo de que sois sabedor, ou entregar-vos-ei ao braço secular, como rebelde e desobediente às ordens régias. (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 64)

O médico jesuíta Samuel não expressou medo diante da iminente prisão: “Estou habituado a ver a morte de perto! Apóstolo da milícia de Cristo, nos desertos desta América e entre os selvagens, só e sem armas, também aprendi a encarar o perigo, como vós soldado do rei, nos campos da batalha” (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 64). O conde retrucou que não sentiria remorso em punir “inimigos da religião”.

Na aurora do dia 14 de novembro, o reitor dizia a Samuel que acreditava que o conde respeitaria o “caráter sagrado” da ordem dos jesuítas e não invadiria o convento. Resignado, ele contesta: “Isso de nada vale. O Conde de Bobadela sabe que a minha existência é um obstáculo ao engrandecimento da monarquia portuguesa, e há de procurar remover esse obstáculo; mas estou tranquilo; aguardo a minha sorte (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 74). Mais tarde, as duas autoridades mantêm uma tensa conversa:

SAMUEL- Vou a Roma, onde não chega nem o braço de vosso rei, nem a cólera de vosso ministro.

CONDE- Esperais escapar-me, rebelde, depois de terdes ousado conspirar contra o vosso rei? Esperais que vos deixe continuar livremente a forjar nas trevas o vosso plano. Oficial, apodeurai-vos deste homem! [...]

SAMUEL- Tranquilizai-vos, meu filho; o poder de Deus me defende! (*Ao conde*) Que quereis de mim?... O frade, o jesuíta?... (*Tira o hábito e lança-lhe aos pés*) Ei-lo; é um hábito? Podeis rasgá-lo; mas a ideia não morrerá, não! Ela fica plantada no solo americano; cada homem que surgir do seio desta terra livre será um novo apóstolo da independência o Brasil!

CONDE- Impostor! (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 83)

Acusado de conspiração real, Samuel, que acredita ter lançado uma semente de liberdade em solo nacional, profetiza sobre o futuro do Brasil e sua independência do jugo português:

SAMUEL- Conde de Bobadela, governador do rei de Portugal, eu te emprazo para daqui a um século. A voz possante de um povo saudando a sua liberdade, a tua sombra se erguerá do túmulo para admirar esse império que a Providência reserva a altos destinos. Não vês que o gigante se ergue e quebra as cadeias que o prendem? Não vês que o velho tronco de reis-heróis, carcomido pela corrupção e pelos séculos, há de florescer de novo nesta terra virgem, e aos raios deste sol de criador?... Oh! Deus me ilumina!... Eu vejo!... Além... no futuro... Ei-lo!... Brasil! Minha pátria!... (ALENCAR, s.d., v. 2, p. 83)

No artigo *A expulsão da Companhia de Jesus do Brasil na visão de um escritor romântico e nacionalista do século XIX*, Eliane C.D. Fleck explica que o personagem jesuíta é: “uma figura literária através da qual José de Alencar pretendia sensibilizar o leitor e o espectador para a exaltação da Nação, apresentado como um homem, a um

---

só tempo, virtuoso e ousado, pode escapar ao destino reservado aos membros da Companhia de Jesus, em 1759”. (FLECK, 2009, p. 124)

## Conclusão

Para Valdeci R. Borges, no artigo *Lutas de representação: combates de José de Alencar por uma narrativa ‘moderna’ e brasileira*, o teatro realista dele tinha como finalidade “educar o povo e construir a nação, problematizando e discutindo questões sociais, num viés socializador e pedagógico” (BORGES, 2006, p. 65-84).

Em *O Jesuíta* (1861), José de Alencar enfatiza o projeto nacionalista de um religioso, que vivia como um médico, Dr. Samuel, o qual ajudava os mais necessitados, mas era o Vigário-Geral. Escrita por encomenda, a peça evoca nos leitores/ espectadores a participação de membros da Companhia de Jesus no processo de independência do Brasil, bem como a perseguição e expulsão deles de Portugal e de seus domínios coloniais, em 1759.

O estudo “O projeto de independência do Brasil na peça teatral, *O Jesuíta* (1861), de José de Alencar”, destacou a figura do protagonista cujas atividades, além das profissionais, revelam o poder social (Stoppino): um tipo de força, influência e capacidade retórica e de liderança que conseguiu persuadir ciganos e indígenas a acreditarem na utopia brasileira: a de uma Pátria independente de Portugal e berço para marginalizados.

## Referências

ALENCAR, José de. *O Jesuíta*. In: \_\_\_\_\_. **Teatro completo**. v. 2. Disponível em: <<https://www.teatronaescola.com/index.php/banco-de-pecas/item/o-teatro-completo-de-jose-de-alencar-vol-2-jose-de-alencar>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **O Jesuíta: drama em quatro actos**. *O Teatro Brasileiro: A propósito do Jesuíta de José de Alencar*, de Luiz Leitão; O

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

Jesuita. Drama histórico em 4 actos de José de Alencar. *O Teatro Brasileiro*. A proposito do Jesuíta, artigos de José de Alencar. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242825>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **O Teatro Brasileiro**. A propósito do Jesuíta. In: ALENCAR, José de. *O Jesuíta*: drama em quatro actos. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875. p. 203-229. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242825>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

ASSIS, Guilherme Marchiori de. **O processo inquisitorial 8064 de 1761**: a trajetória do jesuíta Gabriel Malagrida junto ao Santo Ofício luso. Anais do VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est. p. 513-533. Disponível em: <[file:///C:/Users/ACER/Downloads/18062-Texto%20do%20artigo-50863-1-10-20171114%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/ACER/Downloads/18062-Texto%20do%20artigo-50863-1-10-20171114%20(2).pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2021.

BORGES, Valdeci R. Lutas de representação: combates de José de Alencar por uma narrativa “moderna” e brasileira. *ArtCultura*. Uberlândia, v. 8, nº 13, p. 65-84, jul./dez. 2006. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1429/21252>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

COHEN, Roberto. **Grupos indígenas e sua distribuição**. 13 jan. 2004. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/indi/grupo.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

EISENBERG, José. **As missões jesuíticas e o pensamento político moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

FARIA, João Roberto. **Alencar dramaturgo: uma apresentação**. *Rev. de Letras*, v. 1, nº 29 (2), p. 54-61, jan./jul., 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2363/1825>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **José de Alencar e o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

---

FLECK, Eliane C. D. A expulsão da Companhia de Jesus do Brasil na visão de um escritor romântico e nacionalista do século XIX. **Revista do IHGB**. Rio de Janeiro, a. 170 (443), p. 97-130, abr./jun. 2009.

\_\_\_\_\_. **O nacionalismo de José de Alencar em “O Jesuíta”** (1875). *Sociohistórica*, nº 17-18, p. 199-213, 2005.

LEITÃO, Luiz. O jesuíta. Drama histórico em 4 actos de José de Alencar. In: ALENCAR, José de. **O Jesuíta: drama em quatro actos**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875. p. 187-202. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242825>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PRADO, Décio de Almeida. A evolução da literatura dramática. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **A literatura no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971.

SECCO, A. P.; AMARAL, T. C. do. **Marquês de Pombal e a reforma educacional brasileira**. Coleção “Navegando pela História da Educação brasileira”, 2006. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo\\_pombalino\\_intro.html](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_pombalino_intro.html)>. Acesso em: 15 nov. 2021.

STOPPINO, Mario. Verbete Poder. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Coord. de trad. de João Ferreira, rev. geral de João Ferreira e Luis Guerreiro P. Cacais. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v. 1, p. 933-942.

VAINFAS, Ronaldo (Dir.). **Dicionário do Brasil colonial (1500-1889)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

WOOLLEY, Patrícia D. Os jesuítas nos setecentos europeu: autoridade, ensino e poder. **Revista Cantareira**, Universidade Federal Fluminense, 6. ed. on-line. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27817/16224>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

## Iconografia

Fig. 1- Frontispício de *O Jesuíta*, 1ª edição, 1875, B.L. Garnier. Disponível em: <<https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=198929&ctd=1&tot=&tipo=>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

Fig. 2- José de Anchieta (1982), de José Ciotti (1898-1991), Colégio Pio Brasileiro, Roma. Disponível em: <<https://www.jesuitasbrasil.org.br/2014/04/03/padre-jose-de-anchieta-e-proclamado-santo/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

Fig. 3- Expulsão dos jesuítas no Brasil. Disponível em: <<https://ocaisdamemoria.com/2017/01/12/1759-marques-do-pombal-manda-expulsar-os-jesuitas-de-portugal/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

Fig. 4- Theatro São Luiz, em São Sebastião do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/teatroXperiodo.asp?cod=86&cdP=19&tipo=Imagem>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

Fig. 5- Igreja dos Jesuítas, no Morro do Castelo, Rio de Janeiro (1918). Foto de Augusto da Malta. Disponível em: <<https://www.riodejaneiroaqui.com/figuras1/igreja-dos-jesuitas-morro-do-castelo-1918.jpg>>. Acesso em: 15 nov. 2021.